Torres Feijó, E. J.: Intimismo e comunidade galego-portuguesa. Rosalia de Castro:"Dend´as fartas orelas do Mondego". Pazos Alonso, C. e Parkinson, S.(eds). Reading Literarure in Portuguese. Comentaries in Honour of Tom Earle. London; LEGENDA, 2013. pp.125-132.

Este poema foi exumado por Fermín Bouza Brey, do *Almanach das Senhoras* do ano 1883;[1] veio depois a saber-se que ele aparecera no *Portugal a Camões*, publicação extraordinária do *Jornal de Viagens*.[2] 'Commemorando o tricentenario do cantor dos Lusiadas', dirigido por Emygdio d'Oliveira e Benigno Joaquim Martinez, nele participaram nomes como Camilo, Teófilo ou Oliveira Martins. Este é o único texto do *Jornal* na variante galega, além dos de autores portugueses e de bastantes autores em catalão e em espanhol, entre os quais se contam os também galegos de origem Emilia Pardo Bazán e Antonio Romero Ortiz.

O poema rosaliano é singular na escolha do tema, frente ao quadro ambiental nitidamente épico das comemorações e, consequentemente, da maior parte dos textos do *Jornal*. Só o Conde de Sabugosa selecciona o tema de Inês num dos seus dois sonetos, ainda que como pano de fundo e focado em Pedro.[3] E Jayme Victor alude a Inês num verso de uma composição dirigida ao poeta.[4]

Para quem ler o poema sem ter as coordenadas em que o Ressurgimento galego se desenvolve, ele pode parecer um misto estranho do ponto de vista linguístico, em que se adivinha a comunidade linguística galego-portuguesa envolvida num traje espanhol (mas não apenas espanhol).[5] Convém precisar que, nesta altura, nenhum galego estava alfabetizado na sua língua, a qual deixara havia séculos de ser língua habitual e prestigiada do Estado, da Igreja, da escola, dos jornais... e da burguesia vilega e citadina em que Rosalia e o seu homem Manuel Murguia se inserem.

Camões, figura cimeira para o galeguismo, surge como legitimador e modelo, também produtivo, já nos seus inícios, em poemas de impacto de dois dos poetas mais canonizados da história literária galega: no célebre 'A campana de Anllóns', de Eduardo Pondal (primeira versão publicada em 1858) é visível a presença do *Sôbolos rios que vão*; e nos primeiros esboços épicos do seu inacabado *Os Eoas* (primeiros versos publicados em 1857), um filocamonianismo alargado a outros poemas, como 'A Fala'. Também no primeiro livro de Rosalia, na composição em duas partes 'Roxiña cal sol dourado' e 'Franca, pura, sin enganos', de *Cantares Gallegos*,[6] Jacinto do Prado Coelho detectou a ascendência de 'Descalça vai pera a fonte' e 'Na fonte está Lianor', 'não só nos processos de encarecimento, como no metro e no esquema de rimas'.[7]